

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 2 | Nº 4 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3748866>



A NATUREZA HUMANA E SUAS FORMAS DE EXTERIORIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

Felício de Freitas Netto¹

Resumo

Os objetivos deste ensaio tangem à análise do comportamento humano frente à situação de emergência de saúde pública causada pelo vírus SARS-CoV-2, causador da COVID-19. Três grandes pensadores e filósofos estudaram de modo criterioso a natureza e o conhecimento humanos. John Locke (1632-1704) com a teoria do empirismo britânico, Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) e a bondade natural dos homens e, por fim, Immanuel Kant (1724 – 1804) com o egoísmo inato dos indivíduos. A pandemia da COVID-19 está sendo um importante painel para analisar o comportamento e a natureza dos homens em suas mais variadas vertentes.

Palavras-chave: coronavírus; COVID-19; filosofia; natureza humana; SARS-CoV-2.

Abstract

The objectives of this essay aim to analyze the human behavior in the face of a public health emergency caused by the SARS-Cov-2, which causes COVID-19. Three great thinkers and philosophers have carefully studied human nature and knowledge. John Locke (1632 – 1704) with the theory of British empiricism, Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) and the natural goodness of men and, finally, Immanuel Kant (1724 – 1804) with the innate selfishness of individuals. The COVID-19 pandemic is being an important panel to analyze the behavior and nature of population in its most varied aspects.

Keywords: coronavirus; COVID-19; human nature; philosophy; SARS-CoV-2.

INTRODUÇÃO

O conhecimento sempre foi, comprovadamente, a grande “superioridade” dos seres humanos em relação aos animais, ditos irracionais. Sua racionalidade e, até mesmo, sua impulsividade foram responsáveis por grandes invenções e descobertas, a serem citados Santos Dumont, Albert Einstein, Isaac Newton, Benjamin Franklin, Alexander Graham Bell, dentre outros. Enquanto alguns estudiosos e cientistas valiam-se do conhecimento adquirido para produzirem grandes feitos, outros preocupavam-se em estudar o próprio conhecimento, ou melhor, como os seres humanos lidam com tal virtude e qual sua provável origem.

Três grandes nomes são fundamentais para compreender a natureza humana e, analogamente, como o conhecimento adquirido na sociedade pode ser exteriorizado a partir de sua respectiva fonte. O

¹ Interno do curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Paraná (PR). Atuou na Direção Local do Comitê de Saúde Sexual e Reprodutiva da Federação Internacional de Associações de Estudantes de Medicina (IFMSA). Universidade Estadual de Ponta Grossa – Departamento de Medicina (DEMED) – Setor de Ciências Biológicas e da Saúde (SEBISA). Email para contato: feliciofnetto@gmail.com



primeiro deles é o inglês John Locke (1632 – 1704) e sua difundida teoria do empirismo britânico. Essa teoria fundamenta-se na ideia de que todo conhecimento de um indivíduo é proveniente de sua experiência, ou seja, para “saber é preciso viver e aprender”. Segundo o filósofo, ao nascerem, as pessoas são como um *papel em branco*, de tal forma que ao evoluir da idade, essa lauda será preenchida com os ensinamentos apreendidos, enfatizando-se que o limite de caracteres nela permitidos é diretamente proporcional à capacidade de experiência do cidadão.

Esse ideal, disseminado até a atualidade, fora oposto ao pregado por grandes pensadores da Idade Antiga, como Platão (428 – 347 a.C) e Santo Agostinho (354 – 430 d.C) e, inclusive, por filósofos modernos, tal qual René Descartes (1569 – 1650). Nesse sentido, a filosofia de John Locke é, em sua essência, empírica e observacional.

Outro grande estudioso moderno, considerado o precursor da filosofia iluminista, é o suíço Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778). Político, teórico e escritor, Rousseau levantou uma importante discussão: a natureza *boa* dos seres humanos. Para ele, o homem nasce bom e assim permanece, desde que haja condições sociais adequadas. De acordo com o filósofo, ser bom é um fato, persistir com tal bondade é uma variável dependente. O principal influente no equilíbrio dessa dependência é a postura da sociedade perante o indivíduo. Em seu livro “Do Contrato Social”, Rousseau é enfático ao afirmar que “o homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a ferros”. Para compreender essa premissa, reflita o fato de um indivíduo, naturalmente bom, estar suscetível às ações sociais, tornando sua personalidade suscetível a modulações – para o bem ou para o mal. Rousseau, em seus ideais, defende a bondade da natureza humana.

Por último, mas não menos importante, cabe citar Immanuel Kant (1724 – 1804), considerado por muitos historiadores o principal filósofo da Idade Moderna. Apesar de ter em Rousseau notória inspiração, Kant categorizava o inato comportamento egoísta dos seres humanos (KLEIN, 2019). Para ele, os indivíduos, em sua filosofia moral, são naturalmente egoístas e, não, bondosos.

DISCUSSÃO

Os três nomes mencionados defendem ideias que devem ser consideradas e julgadas com base no criticismo científico. Não seria lógico exteriorizar pensamentos de descrença absoluta para nenhuma dessas teorias. No entanto, certa inclinação de pensamentos pode existir. John Locke, por exemplo, é defensor de uma teoria que muitos, mesmo que involuntariamente, são adeptos. Ao dirigir um carro, ao explicar um conteúdo, ao realizar a apresentação de um trabalho (...) são todos fatores baseados em uma experiência prévia, sustentando a teoria do empirismo.



Seria inoportuno não mencionar acerca da atual situação vivida pelo mundo: a pandemia do novo coronavírus SARS-Cov-2, causador da *Coronavirus Disease – 2019* (COVID-19) (PERLMAN, 2020; LUIGI; SENHORAS, 2020). Supondo o ineditismo de tal evento, tolerar-se-iam comportamentos levianos, inertes e inconsistentes da comunidade e, inclusive, das autoridades das nações que passassem por essa situação.

Stefan Cunha Ujvari (2001) é pragmático ao refutar a ideia supracitada: do ineditismo pandêmico. Em seu livro “A história da humanidade contada pelos vírus”, ele esboça uma linha do tempo sobre as principais batalhas travadas entre os seres humanos e esses seres invisíveis. De modo abreviado, gripe espanhola, vírus da imunodeficiência humana (HIV), gripe aviária e gripe suína são exemplos notórios a serem mencionados.

Irrefutavelmente, algum aprendizado – leia-se com eufemismo – deve ter sido extraído dessas situações. A tábula rasa do conhecimento humano preconizada por John Locke ficara preenchida, em sua quase totalidade, com os aprendizados oriundos dessas pandemias e, a partir deles, novas ideias, descobertas e posicionamentos surgiram.

A COVID-19 é considerada, atualmente, a segunda maior crise dos tempos modernos, cedendo à Segunda Guerra Mundial posição de destaque nesse “pódio”. O novo coronavírus, em poucos meses de surgimento, já atravessou mais de 16 mil quilômetros e causou mais de 1 milhão de infecções, obedecendo a uma tendência exponencial de novos infectados. Contudo, em detrimento de toda a relevância das informações acima citadas, o único contra-argumento profanado por uma (grande) parte da população é a baixa taxa de letalidade da COVID-19, com o intuito de descaracterizar o (óbvio) benefício do distanciamento e isolamento sociais. Questiona-se, aqui, o fato de a teoria de Immanuel Kant ser passível de aplicação à sociedade atual, não obstante suas contribuições sobre a relevância da perspectiva institucional.

A situação de emergência de saúde pública atualmente vivenciada, evidencia o despreparo populacional ao enfrentar uma guerra, cujo inimigo não pode ser visto; evidencia que o *papel em branco* de Locke continua vazio, mesmo com os supostos preenchimentos decorrentes de experiências anteriores; evidencia a desigualdade social em sua mais frustra faceta. Questiona-se, aqui, o fato de a teoria do empirismo britânico não estar surtindo efeito, apesar de sua simples aplicabilidade.

CONCLUSÕES

É imperiosa a necessidade de ter-se um posicionamento teórico-prático circunstanciado a uma situação global, como a COVID-19. Porém, ainda mais importante é ter um posicionamento



fundamentado em fatos verídicos, para que a inércia exteriorizada por determinada parcela populacional não seja justificada com argumentos desacreditados e sensacionalistas.

A pandemia da COVID-19 é um evento social que deve ser enfrentado com conhecimento. Conhecimento baseado em literatura científica, em profissionais entendedores do assunto, ou seja, cidadãos cujo *papel está quase todo preenchido*. Preroga-se, pois, pela seleção dos melhores excertos: aqueles com capacidade de alterar a direção que a sociedade está seguindo e de modificar pensamentos inertes e inconsequentes de indivíduos, naturalmente, egoístas.

Independentemente de qual teoria seja a mais acertiva – John Locke, Jean-Jacques Rousseau ou Immanuel Kant – o principal objetivo que se extrai para o enfrentamento de novas situações – que surgirão – tal qual a causada pelo SARS-Cov-2, é o impedimento da exteriorização oligofrênica de uma sociedade corrompida por informações equivocadas e opiniões fundamentadas na arrogância pessoal.

REFERÊNCIAS

KLEIN, J. T. “A questão da natureza humana: Kant leitor de Rousseau”. **Trans/Form/Ação**, vol. 42, n.1, 2019.

LUIGI, R.; SENHORAS, E. M. “O novo coronavírus e a importância das Organizações Internacionais”. **Nexo Jornal** [17/03/2020]. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br>>. Acesso em: 30/03/2020.

PERLMAN, S. “Another decade, another coronavirus”. **New England Journal of Medicine** [20/03/2020]. Disponível em: <<https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMe2001126>>. Acesso em 08/04/2020.

UJVARI, S. C. **A história da humanidade contada pelos vírus**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 2 | Nº 4 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima